

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MARIA ANGÉLICA NOGUEIRA GIACOMELLO

BRINCAR É COISA SÉRIA!

CAMPINAS

2005

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MARIA ANGÉLICA NOGUEIRA GIACOMELLO

BRINCAR É COISA SÉRIA!

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia – Programa Especial de Formação de Professores em Exercício nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como um dos pré-requisitos para conclusão da Licenciatura em Pedagogia.

CAMPINAS

2005

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Giacomello, Maria Angélica Nogueira.

G346m Memorial de Formação : brincar é coisa séria! / Maria Angélica Nogueira
Giacomello. -- Campinas, SP : [s.n.], 2005.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual
de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de
Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).

1.Trabalho de conclusão de curso. 2. Memorial. 3. Experiência de vida.
4. Prática docente. 5. Formação de professores. I. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

06-098-BFE

Dedico esse trabalho a todos aqueles
que acreditam no valor da educação
e se esforçam para construir um
futuro melhor através do ato de ensinar.

AGRADECIMENTOS

Sempre em primeiro lugar a Deus, pela minha vida, e por me permitir gerar duas maravilhosas vidas, a Quem recorri inúmeras vezes para superar obstáculos e desafios surgidos ao longo desta caminhada.

Ao meu marido, Anderson, pelas longas noites de espera, paciência e papéis assumidos na minha ausência.

Aos meus filhos, Luis Felipe e José Guilherme, pela existência de ambos aos quais dedico todo meu aprendizado como pessoa e como profissional.

À minha mãe Alayde, por minha formação, pelo incentivo e exemplo de vida.

Aos meus sogros Armando e Vanda, obrigada pelas preocupações e orações.

Às minhas irmãs Maristela e Heloise, pela união e palavras de apoio.

Aos meus pequenos/grandes alunos, com os quais aprendo, muito mais do que ensino.

Finalmente, às minhas amigas de trajetória, Cláudia, Luciana, Maria Lúcia, Maisa e Silvia, pela grande amizade construída, e momentos inesquecíveis.

INDICE

1 APRESENTAÇÃO.....	6
2 NÃO SUBESTIMEM O TEMPO.....	7
3 FELIZ INFÂNCIA.....	9
4 VAZIO...VOVÓ SE FOI.....	11
5 REAÇÕES NA IDADE ESCOLAR.....	12
6 DE MÃE A PROFESSORA, DE PROFESSORA A EDUCADORA.....	15
7 SONHO DE FORMAÇÃO.....	19
8 EU, CRIANÇAS DE ONTEM E AS DE HOJE.....	22
9 MESTRE E APRENDIZ DE CRIANÇAS PEQUENINAS.....	23
10 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	27

1.Apresentação

O presente trabalho tem como objetivo, estabelecer relações entre os conhecimentos adquiridos nas teorias oferecidas no curso de Pedagogia e a prática em sala de aula.

Para tanto, relato acontecimentos de minha experiência de vida, atrelados às experiências vividas junto às crianças com as quais convivo enquanto educadora.

Analiso também, diante das evidências, a importância do brincar na educação infantil: suas dificuldades, indagações e reflexões no cotidiano escolar.

2. Não subestimem o tempo ...

Foi assim, exatamente com essa frase que nosso amigo, dedicado e paciente, Profº Dr. Sérgio Lorenzato me chamou a atenção...

Ano: 2004...

Mês: outubro...

Passei a refletir que não precisaria muito ao chegar exatamente onde eu estava naquele momento.

Haveria a minha pessoa subestimado o tempo? Esse tempo que corre, não espera por nada e nem por ninguém; esse tempo que só é notado diante do espelho ou diante de uma situação como esta... Essa a qual estou passando?

A realização de um sonho...

A necessidade de nova integração no mercado...

A busca de conhecimentos para realizações profissionais?

Não sei, nesse exato momento só consigo pensar e ouvir a voz do nosso querido professor:

_ Não subestimem o tempo!

É lógico que ele estava se referindo a escrita de nosso memorial...

Mas, quão longe chegou!

Voltei aos meus dezoito anos, quando me corroia a indecisão de qual rumo seguir. Ao mesmo tempo em que o diploma de magistério me chegava a mão, o telegrama da aprovação em um concurso público me chegava na outra.

O que fazer?

Opiniões é claro, surgiram de todos os lados, gratuitas como sempre são, mostravam-me toda a importância de ser “bancária”...

Papai, bem sucedido, bancário também foi, e na época diretor do banco. Minhas irmãs, queridas e sempre exemplo de tudo para mim, também bancárias. Não tinha mais dúvidas, meu futuro estava ali, diploma de magistério na gaveta e vamos aos clientes.

Não posso reclamar, nem me arrepender, como tudo que faço, sem arrependimentos, aprendi demais, tive contato com muita gente. É isso, trabalhar com seres humanos, é meu “fraco”, conversava com pessoas de todo tipo, desde as mais humildes até os grandes empresários. Trabalhei por quinze anos, foi toda a construção de minha vida, foi toda a construção do meu ser, do meu pensar e agir. Pessoas importantes, queridas e inesquecíveis, como minha grande amiga Jurema, de Matos Bernardo, como gostava de se identificar ao telefone, quando trabalhávamos na captação de aplicações financeiras: OPEN, OVER, época das grandes taxas, dos grandes juros, das grandes lições de vida. Mulher batalhadora tinha quatro filhos, três meninas e um menino, que ao longo de todos esses anos acompanhei desde a gravidez até o nascimento. Algo ali me chamava a atenção: “crianças”... , adoro crianças, sempre gostei, sempre tive muito “jeito” com elas. Além dos filhos da “Jú”, minhas primas e meus sobrinhos, também passaram por meus cuidados. Seria isso algum sinal?

Muitos amigos passaram nessa época por minha vida, e tudo foi aprendido, mas o tempo, aquele que não se vê passar, aquele que não envelhece, correu, voou e por minha vida passou.

Quantas coisas poderiam ser contadas desses quinze anos ou dos outros dezoito que antecederam a eles, assim, vou tentar descrever passagens, que foram importantes e que marcaram para sempre minha vida, ajudando entender hoje, a minha formação.

3.Feliz Infância

Que palavra gostosa!

Gostosa até mesmo de ser pronunciada...

Mas, cuidado! Para mim, sim, tudo isso significa, pois, a minha infância foi maravilhosa!

Sempre fui muito amada e ninguém precisava me dizer, eu sentia...

Minha avó materna!!! Que saudades, essa mulher que fez jus a sua carinhosa denominação: AVÓ.

Morávamos todos juntos, que delícia... Rua Sete de Setembro, vovô Nelson, vovó Olga, papai, mamãe, minhas irmãs Maristela e Heloíse, meus tios Luiz, Lúcia e Elisabeth, uma grande e invejável família.

Minha doce infância seguia tranqüila, todos nos amávamos muito, ou melhor, ainda nos amamos. A escola sempre esteve presente, pois, minha mãe e minhas tias eram professoras, e estavam sempre as voltas com cadernos, livros, horários e preocupações.

Minhas irmãs, já freqüentavam a escola, e eu acompanhava tudo muito atenta. As amizades de minha mãe e minhas tias com outras professoras, as trocas de “lições” e “mimeógrafos”, eu sentia que tudo aquilo era muito privilégio, o contato com livros, letras e figuras, faziam parte de nosso cotidiano.

“...a relação dos pais com a escola é apenas ocasional, tem a mesma duração que para os alunos... o envolvimento da população na gestão da escola pública, permite conhecer melhor suas necessidades e sobretudo suas expectativas...”(Ghanem,1998,p.97)

Assim, hoje vejo o quão importante foi a presença de minha mãe, como orientadora e incentivadora e o quão é importante a presença da família na escola,

não ocasionalmente, mas com a frequência necessária para que seus filhos sejam orientados e assistidos com a dedicação e importância merecida.

E a vida seguia, “o tempo”, corria... Chegou a minha vez, fui para a escola, “Pré-primário” como era denominado, não me lembro bem da professora, mas o nome da escola me encantava “Jardim Escola Branca de Neve”.

Hoje, baseada em minhas experiências, constato a significação sempre marcante da educação infantil. Brincadeiras na areia, baldinhos, pinturas, amigos, rodas cantadas, conforto e segurança, era disso que eu precisava e era isso que eu sentia... Pergunto-me: Será que consigo passar essa segurança aos meus alunos? E esse conforto em estar em um local agradável e privilegiado? Pois, como afirma Mayumi , *...e se é no lúdico que a criança se conhece, se reconhece e conhece os outros também...*, estarei proporcionando de fato esses momentos ricos e reflexivos para meus alunos?.

Voltando à minha infância, dificuldade não era palavra de ordem, isso não existia, se existiu eu como criança, nem percebia. Nossa vida era simples, sempre em casa no aconchego familiar, com muito carinho e amor para dar.

Passou-se então o tempo, não me lembro o quanto, sinto apenas que tudo parece ter iniciado ali. Tudo, tudo o que eu desconhecia: o choro, a tristeza, a falta de alguém, saudades, dificuldades, o medo, até hoje todos esses sentimentos me acompanham, pois, são trazidos a mim por crianças que em virtude de uma série de desajustes sociais, diferente de mim, conheceram muito cedo esses elementos.

4.Vazio... Vovó se foi...

Não entendi muito bem, minha mãe ficou doente, e junto com ela minha avó. Foram internadas juntas, no mesmo quarto, e todos estavam lá, quando de repente, um médico dava alta para mamãe. E vovó? Porque não poderia ir para casa conosco? Todos choravam, algo estava acontecendo, não sabia bem o que. Em meio a esses tristes acontecimentos dei-me conta de que o Natal estava bem próximo, e em minha mente inocente de criança, tudo se ajeitaria, ganharia muitos presentes, a comemoração seria feita como de costume: muita comida (feita pela vovó, é claro) e muita alegria. Para o “Papai Noel”, eu havia pedido de presente uma boneca chamada “Mãezinha”, que embalava um bebê e tocava uma linda música de ninar, que tenho em minha mente até hoje.

Qual foi minha surpresa quando não fui somente presenteada, fui também apunhalada! Naquele dia, vinte e quatro de dezembro de 1973, aconteceu o que todos esperam, mas poucas pessoas têm estrutura emocional para aceitar, (e eu era uma delas): a morte de minha avó.

A tristeza foi geral, ela era muito nova, somente cinqüenta anos, tudo aconteceu, e ficou registrado fortemente em minha mente. Recordo cada instante como se tivesse acabado de vivenciá-lo. Desde então, o Natal tornou-se apenas mais um dia em nossas vidas. Não há mais o que se comemorar...

Sei que esta postura não minimizava a dor da perda, mas evitaria o confronto direto com emoções, sensações e sentimentos que prefiro esquecer.

5.Reações na idade escolar

Chegou a hora!

Todos para a escola!

Matrícula feita, colégio escolhido, tudo com muita cautela e recomendações.

Uniforme, cadernos, livros, lápis, borracha, tudo pronto!

Será?

Como estaria a cabeça daquela criança?

Como estaria sua auto-estima?

Como estaria seu psicológico?

Não precisou de muito tempo para que todas essas perguntas fossem respondidas: choro na hora da entrada, falta de atenção. E na hora da merenda? E na hora da saída?

Insegurança, medo, faltava-me tranquilidade, tudo ali me assustava! Tudo me pegou na hora errada, de forma errada...

Quando entrava na sala de aula, sentia tudo: náuseas, dores de cabeça, dores de barriga, vontade de chorar... E é isso que mais fazia, chorava demais até que minha mãe fosse chamada para minha retirada da escola.

E a doce professora, que fora escolhida por ser a melhor alfabetizadora?

E a escola, tradicional “Carlos Gomes”, tão concorrida pela classe dominante por sua fama de formar os melhores alunos da época?

A criança
é feita de cem.
A criança tem cem mãos
cem pensamentos
cem modos de pensar
de jogar e de falar.
Cem sempre cem
modos de escutar
de maravilhar e de amar.

Cem alegrias
para cantar e compreender.
Cem mundos
para descobrir
Cem mundos
para inventar
Cem mundos
para sonhar.
A criança tem
cem linguagens
(e depois cem, cem, cem)
mas roubaram-lhe noventa e nove.
A escola e a cultura
lhe separam a cabeça do corpo
Dizem-lhe:
de pensar sem as mãos
de fazer sem a cabeça
de escutar e de não falar
de compreender sem alegrias
de amar e de maravilhar-se
só na Páscoa e no Natal.
Dizem-lhe:
de descobrir um mundo que já existe
e de cem roubaram-lhe noventa e nove.
Dizem-lhe:
que o jogo e o trabalho
a realidade e a fantasia
a ciência e a imaginação
o céu e a terra
a razão e o sonho
são coisas
que não estão juntas.
Dizem-lhe enfim:
que as cem não existem.
A criança diz:
ao contrário as cem existem.

O meu relacionamento inicial com a instituição escolar foi muito conturbado. Perceber que, em dado momento do dia, eu não estaria sob a vigilância afetuosa de minha família desestruturava-me emocionalmente, mas o tempo juntamente com o envolvimento daqueles que me cercavam, conferiram a mim a segurança da qual precisava.

Assim, como argumenta Bowlby (1990), "...os comportamentos de apego, tais como choro e agarrar-se, tornam-se mais preponderantes em períodos de estresse, incluindo separação, doença e morte, particularmente quando não há solução alternativa. Em termos clínicos, pode-se considerar comumente este comportamento como regressão."

Diante disso, somado às experiências adquiridas em práticas diárias de sala de aula, vejo a importância de considerar que a Educação não pode ser vista e tratada como um exercício isolado, ou seja, temos que entender que o processo da Educação está ligado a todos os fatores que influenciam na vida do sujeito, como os sociais, econômicos, culturais, emocionais, etc. Nesse contexto temos que analisar a educação e a psicologia ao mesmo tempo em que pensamos a sociedade.

"...uma teoria não é o conhecimento, ela permite o conhecimento. Uma teoria não é a chegada; é a possibilidade de uma partida. Uma teoria não é uma solução; é a possibilidade de tratar um problema."
(MORIN,1998).

Assim, na formação de professores em exercício é que pude atrelar sim, a teoria e a prática: experimentando, aprendendo e compreendendo cada vez mais os acontecimentos de minha infância e das infâncias as quais faço parte atualmente.

De acordo com Vigotsky, o desenvolvimento humano depende das relações entre as pessoas. Assim o desenvolvimento do aluno como um todo depende das relações que se estabelecem em sala de aula. Partindo desse pressuposto é papel do professor, proporcionar a qualidade nas interações, enfatizando a preocupação com o outro e fazendo que se construa no cotidiano escolar, relações centradas na afetividade.

6. De Mãe à professora, de professora à educadora...

A vida realmente dá voltas, e nessas idas e vindas, nada acontece por acaso. Como discorre Arroyo, *A condição de vida está presente em nossas escolhas ou condiciona nossas escolhas. Não escolhemos a profissão que queremos, mas a possível.* (Arroyo, 2000, p.126).

Creio que a minha opção pelo trabalho no banco, foi em função de minhas crenças, ideologias e visão de mundo. O contexto social da época denegria a imagem do profissional da área de educação, e eu não queria correr o risco de ser um profissional socialmente desvalorizado, então, entre um e outro, optei por aquele, que, aparentemente, oferecia-me melhores chances de crescimento profissional.

Durante o tempo em que trabalhei no banco, praticamente metade de minha vida, muitas experiências foram adquiridas, a mais significativa, importante e bela, indubitavelmente foi a maternidade. O meu enlace matrimonial foi agraciado com a presença de dois filhos, e estes hoje em dia são a razão de meu viver. Meus filhos foram também meus mestres na arte de aprender sobre os fatos relacionados ao crescimento e desenvolvimento infantil. Vários assuntos que ainda hoje estudo (desenvolvimento cognitivo, motor, etc) eu observava e elucidava no convívio com eles.

Senti profunda necessidade de acompanhar o crescimento de meus filhos, em virtude dessa necessidade, afastei-me do trabalho no banco. Contudo com o correr do tempo, percebi que poderia conciliar o convívio com os filhos, com o trabalho na área educacional. Surge então a oportunidade de contato como profissional da educação, e hoje, afirmo com convicção de que realizo um ofício que me satisfaz pessoal e profissionalmente.

Desengavetei o diploma e busquei oportunidades. Melhor para mim, ótimo para meus filhos, pois, estaria acompanhando de perto toda evolução deles e dentro do que mais atual eles viviam, a educação infantil.

Diploma em mãos inscrevi-me para o cadastro de substituição das escolas de Educação Infantil da Prefeitura Municipal de Campinas. Estávamos no mês de maio, do ano de 1997. Sem experiência alguma, tomei coragem, e apeguei-me aos espelhos que tive desde pequena: mãe e tias professoras e dei início a minha jornada. Tive muita sorte, pois, desde a primeira atribuição fui contemplada com salas não ficando sem trabalhar um ano sequer, até a data da minha efetivação no ano de 2002.

Foi um desafio um tanto quanto difícil a ser enfrentado por uma novata professora como eu. O primeiro trabalho foi desenvolvido em uma entidade localizada na periferia de Campinas, onde eram atendidas crianças de origem pobre e com casos de desajustes das mais diversas origens (emocionais, sociais, familiar, etc).

Contudo, o desafio estava posto, e eu não iria desistir. Posso dizer que ostento até orgulho por ter iniciado dessa forma. Desde o início, munida de livros infantis comprados por mim mesma, carregada de um repertório de músicas que até então cantava só para meus filhos, fui construindo um laço afetivo muito grande com aquelas crianças, que sentiam em relação a minha pessoa uma gratidão que aos poucos se transformava em afeição e gratificação para ambos.

Passos (2000, p.103), argumenta “a lembrança do que se viveu faz o sujeito agir de forma determinada, também na tentativa de reverter em aspectos positivos, o que das experiências vividas foi negativo.”

Diante disso, comecei a construir minha prática, ora com lembranças de minhas professoras, ora com posturas que encontrava como modelo em minha mãe, que mesmo tendo sido educadora no ensino dito tradicional, obteve muito sucesso, uma vez que, esse era o único método conhecido para “ensinar”.

Professora mais pelo bom senso do que pela escassa formação que tive, fui aprendendo a aprender, aprendendo a identificar a sala e suas necessidades emergenciais.

Ainda nessa primeira experiência, a sensação de não saber o que fazer com essas crianças e o sentimento de incapacidade me inquietava constantemente. Minha formação, além de precária, estava mais do que esquecida e ultrapassada. Segundo Perón “a formação inicial dos professores é extremamente importante, porém não suficiente para o atendimento das exigências educacionais cada vez mais complexas.”(2001,p.364).

Por ser uma entidade assistencial – como o próprio nome já indica, voltada ao assistencialismo – o trabalho pedagógico era mantido em nível secundário. O importante naquela situação era ter alguém que pudesse se responsabilizar por aquelas crianças, durante o período que ficavam naquele espaço.

Senti, em decorrência deste fato, que ainda não era chegada a hora de se iniciar um trabalho pedagógico com vista para construção de conceitos escolares, e sim, para estruturação de conceitos referentes a socialização, ao respeito, à elevação da estima e a aquisição da dignidade.

Percebi essa necessidade mesmo não tendo uma formação elaborada, e confesso que me precipitei ao julgar que poderia levar a minha realidade e transpô-la à realidade das crianças. Contudo reconheço que essa falha é totalmente perdoável, em virtude de minha pouca ou quase nula experiência. Faz-se claro

então a importância de um profissional em constante formação para atuar junto às crianças, esses seres singulares e plurais ao mesmo tempo. Seres que exigem do profissional o conhecimento teórico e a disposição para enfrentar e vencer desafios.

O trabalho nessa entidade, apesar de difícil não se igualou ao da segunda, onde trabalhei. Nesse outro espaço, a falta de postura pedagógica na administração causou-me espanto e indignação. Percebo agora quanta falta me fez o embasamento teórico que a faculdade me conferiu. Se estivesse de posse do conhecimento que hoje possuo, com certeza não teria permitido receber ordens da forma tão arbitrária como, por vezes, acontecia. Estava ali como executadora de ordens e a postura da direção me reportou à leitura do texto de Flávia Werle, ao discorrer sobre o papel do diretor no final dos anos 70:

...o diretor centralizava, era o principal responsável pelo ambiente de trabalho existente na escola, a ele cabia “conduzir” a escola, responsabilizar-se pelo acerto na delegação de atribuições ou pelo exercício de tarefas administrativas. O diretor era tratado como “pessoa –chave” no sistema escolar; cabia à ele “conduzir a escola para um desenvolvimento satisfatório”. (Werle, 2001,p.150)

Embora no cargo de professora, exercia a função de monitora e o meu trabalho era apenas cuidar das crianças. Atualmente não aceitaria ficar tanto tempo com as crianças sem desenvolver um trabalho que realmente contribuísse para o desenvolvimento integral.

Felizmente na vida, nem tudo são tormentas. O tempo passou, e me conduziu a uma CEMEI na qual tanto o espaço quanto as pessoas, contribuíram de forma incomensurável para minha constituição como professora. Nesta CEMEI lecionei durante dois anos, convivendo com pessoas realmente comprometidas com seu trabalho e com as crianças. A orientadora pedagógica, na época Sra. Maria

Bernadete, baseava sua proposta de trabalho na cooperação e interação entre todos os membros da Unidade Escolar. A criança era realmente vista como um sujeito de direito e tudo desenvolvia – dentro do possível – de forma pensada para ser vivida e aproveitada pela criança. Lá comecei a entender o que é ser professor, lá comecei de fato a amar a minha profissão.

Em 2000, uma nova EMEI me recebeu como professor.

Embora a EMEI Carlos Zink, tivesse uma metodologia voltada ao ensino tradicional, não me senti castrada ao tentar implantar um modelo de trabalho aberto às tendências construtivistas. Foi uma troca de imensa valia. Aprendi muito com aquelas pessoas de estilo mais conservador, da mesma forma que pude ensinar muito sobre a minha prática, que mesmo sem ter ciência era voltada ao construtivismo. Considero essa escola como uma das melhores para se trabalhar. As pessoas, apesar de terem suas convicções e filosofias, estão abertas ao novo e respeitam as diferenças. Foi lá que recebi o estímulo para cursar a faculdade, e hoje poder estar escrevendo esse memorial.

7.Sonho de Formação

Em virtude do parágrafo existente na LDB, onde rege que somente serão admitidos professores habilitados em nível superior ou formados por treinamento em serviço, firmou-se um convênio entre a Prefeitura de algumas cidades da Região Metropolitana de Campinas e a UNICAMP, para o oferecimento de um curso de Pedagogia aos professores em exercício (PROESF).

Não sabia ao certo se seria para mim.

Nessa época, ainda atuava como professora substituta, entretanto, segundo a lista de espera do concurso público realizado, seria a próxima a ser chamada, e esse dia não tardaria.

Diante desse fato, contei com apoio de uma profissional a quem muito respeito, e a ela não poderia faltar aqui o meu agradecimento. Sra. Marlene Magnusson, diretora da EMEI onde eu atuava, e pessoa sempre disposta a ajudar, solicitou diante da Secretaria Municipal de Educação, a autorização para minha inscrição nesse concurso.

Após a superação desse obstáculo outro maior se posicionava diante de mim. Chegando o dia da realização da prova, duvidei de que teria condições de obter uma aprovação, pois, pessoalmente senti que a prova em questão visava medir os conhecimentos específicos do ensino fundamental, ou seja, senti que o ensino infantil não foi contemplado pelos elaboradores da mesma.

Mas, mesmo diante disso, qual não foi minha surpresa. Liguei o computador, até meio escondida, acessei o site da Unicamp e lá estava, meu nome, com todas as letras, eu não acreditei, rolei por várias vezes a lista, como se quisesse ter mais uma vez a certeza do que meus olhos estavam vendo. A alegria misturou-se a insegurança e a surpresa e juntas fizeram brotar em minha mente várias perguntas: e agora? Serei capaz? .

Passou-se o tempo e com ele a euforia. Matrícula efetivada e as várias perguntas ainda rondavam minha mente, pois, novidades viriam, até que finalmente chegou o dia da grande solenidade, nunca me esquecerei de uma fala que mexeu com minhas estruturas: *lá estavam as melhores...*

Parecia um sonho, todos se apresentaram, os rostos das pessoas se misturavam, antes concorrentes, agora amigos em busca de um único sonho: a formação.

Aquele encontro foi nos aquietando e tornando tudo aquilo realidade, professores, doutores e alunos estavam todos presentes.

Muitos foram os obstáculos iniciais, entre os maiores, estava a discriminação da qual o grupo que formava o PROESF era vítima. Parecia até que aquela universidade não era feita para pessoas como aquelas. Muitos denominaram aquela turma inicialmente como corpo de estudantes que entrou pelas portas dos fundos. No início incomodou-me aquela e outras denominações, mas hoje em virtude da própria formação recebida, principalmente na disciplina de Políticas Públicas e Reformas Educativas, pude constatar que o vestibular pelo qual passei foi legítimo, pois, se enquadra dentro da legislação.

Contudo, reconheço que este vestibular da mesma forma que qualquer ato dentro do sistema educacional, principalmente, quando estabelecido num sistema capitalista onde o que predomina são as diferenças de classes como instrumento de manutenção e legitimação da estrutura social já determinada. Sempre preparada pela classe dominante, a escola, em todos os seus níveis, não visa apenas a preparação para o trabalho ou para a vida. Visa também inculcar valores, idéias e critérios de análise da realidade bem como formas de comportamentos que possam vir a garantir que exista até uma mudança, desde que, essa mudança não afete o que é essencial dentro do sistema: a exploração. Portanto, para a sociedade, principalmente a classe dominante, faz-se necessário que a escola esteja ao alcance de todos. A Imperatriz Maria Tereza da Áustria, em 1760 já afirmava: *Em cada época, a instrução é, e sempre foi, um fato político.* (MANACORDA, 1996:247).

Diante disso, percebi que a neutralidade é algo inexistente no mundo e na educação e a cada disciplina apresentada, afirmava-me a certeza de que a faculdade veio fundamentar aquilo que o bom senso já me fazia seguir. Acredito que a transformação ocorreu quando me vi buscando por uma educação de qualidade voltada para uma análise crítica e compreensiva de realidade. As leituras, reflexões e troca de experiências ocorridas em sala mostraram-me que não posso parar de lutar. Não basta entrar em sala e aplicar o conteúdo, é preciso estar vinculada a um ideal de escola com vistas para o entendimento e a luta contra as desigualdades.

Esse processo de formação reverteu-se numa tomada de consciência, onde as mudanças acontecem perante uma prática reflexiva que provoca, em meu dia-a-dia as perspectivas de uma nova atuação. Não basta ser professora, faz-se necessário também ser educadora.

8. Eu, as crianças de ontem e as de hoje...

Por trabalhar com crianças de 0 a 6 anos, senti-me totalmente atraída pelas disciplinas que abordaram os temas destinados à elas. Confesso ter sentido grande espanto quando na disciplina Educação da Criança de 0 a 6 anos, foi feito um retrospecto e pude ter um panorama geral sobre o modo em que se deu as diversas concepções de infância no decorrer das várias épocas. Dentro dos autores que mais me instigaram curiosidade, encontra-se Ariés, que trouxe ao meu conhecimento um fato histórico como a roda dos expostos. No século XVIII a maternidade era negada, havia o infanticídio e a criança era vista mais como um “estorvo” do que como um ser com direito a vida. Contudo, como admitir que em pleno século XXI, pode estar sendo reproduzido tão inocentemente, os mesmos passos das “amas de leite”? As

mães, sem condições, renegando seus filhos às creches como se fosse apenas um lugar próprio para o cuidar, de modo assistencialista, enquanto crescem e tão somente existem para o sentimento de paparicação.¹

Enfim, o tempo passou, experiências foram sendo registradas, ora com fracasso, ora com sucesso, remodelando e peneirando o que havia de bom. Contudo infelizmente, aspectos negativos como o abandono tanto material como emocional em relação à criança continuam presentes nesse tempo de informação e globalização.

9. Mestre e aprendiz de crianças pequeninas

Nas duas faces de Eva
A bela e a fera
Um certo sorriso de quem nada quer
“Sexo frágil” não foge à luta
E nem só de cama vive a mulher
(Rita Lee)

Convivendo com crianças e com a teoria oferecida na faculdade, observei o quanto longe, as escolas de educação infantil estão de oferecer as crianças condições físicas para o seu desenvolvimento integral. Ao analisar os espaços oferecidos nas instituições pelas quais passei, notei que a construção do prédio não privilegia as necessidades infantis. Apesar de algumas adaptações básicas (vasos sanitários, lavatórios, etc) de forma geral esses lugares apresentam poucos espaços que propiciem experimentação e vivência. Os banheiros, por exemplo, são destinados apenas às necessidades fisiológicas, nunca sendo usados como um lugar onde pode ocorrer uma atividade pedagógica. Com base em alguns textos, fui

¹ Uma das primeiras demonstrações históricas de um sentimento afetivo relativo à criança que surgiu no espaço familiar pelo fato de distrair e relaxar o adulto.

a primeira professora da unidade a desenvolver uma brincadeira dentro do banheiro, e foi possível perceber o fascínio das crianças por aquela experiência.

A escola é o único espaço que as cidades... oferecem universalmente como possibilidade de reconquista dos espaços públicos e populares – domínio das atividades lúdicas e criativas. (Mayumi)

Essa simples atitude fez cair por terra, tabus adultos que já estavam sendo interiorizados pelas crianças. Um desses tabus refere-se à questão de gênero. Apesar de saber que vivemos numa civilização essencialmente machista, há valores que a escola precisa rever a fim de que se construa um ser social liberto de preconceitos, ligado ao masculino e feminino, formação do corpo ou idéias postas culturalmente, como por exemplo a proibição do choro masculino.

Ao se atentar para esse fato, é possível perceber que em se tratando de crianças pequeninas o cuidar do corpo, ultrapassa as questões de gênero, atingindo a necessidade que cada uma tem de ser atendida.

Tal atendimento deve ser realizado, sem que se perca de vista a necessidade de laços de afetividade, tão presentes na relação com crianças. Relações envolvidas por vínculos afetivos, propiciam desenvolvimento da segurança e da autonomia. No apego, a criança tende a ver o outro como referencial seguro, a partir do qual o sujeito procura explorar o mundo e vivenciar outras relações. Como afirma Wallon, *a pessoa deve ser considerada como um todo; afetividade, emoções, movimento e espaço físico se encontram no mesmo plano.*

Tenho o objetivo de disseminar na realidade na qual estou inserida que amor e compreensão também educam. Aos pais e demais profissionais busco convencer que a aprendizagem não se faz apenas no espaço limitado de uma sala de aula, mas também em outros lugares onde, aparentemente predomina o brincar, o correr,

o pular, o falar, o experimentar. Assim, buscando um trabalho integrado com a comunidade, busco, através da reunião de pais, esclarecê-los a cerca da necessidade de uma reestruturação da concepção de educação infantil já não mais assistencialista ou pautada em atividades convencionais de coordenação motora, pois acredito que para haver uma mudança na escola faz-se necessário uma mudança na concepção de escola e educação já formada na mente da comunidade. Busco na comunidade, idéias que possam contribuir na organização de um espaço enriquecedor e prazeroso, Pois como afirma Pistoia, Anna Lia Galardini (1996):

Um espaço e o modo como é organizado resulta sempre das idéias, das opções, dos saberes das pessoas que nele habitam. Portanto, o espaço de um serviço voltado para as crianças traduz a cultura da infância, a imagem das crianças, dos adultos que o organizaram.

Nos dias de hoje, em que a maior parte das crianças, em virtude de uma sociedade violenta e presa a valores consumistas, não têm liberdade para viver sua infância de forma livre e serena. Assim o ato de brincar deva ser o enfoque principal das instituições de educação infantil. Esse brincar não deve ser visto como perda de tempo e sim como um processo de grande aprendizagem onde a criança tende a se constituir como pessoa conhecendo-se e conhecendo ao outro.

Brincar com criança não é perder tempo, é ganhá-lo: se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados, em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem.(Drummond)

A brincadeira é um modo muito peculiar de a criança falar, sentir, enfim, elaborar sentidos para o mundo. São pelas brincadeiras que as crianças transformam os movimentos e os objetos. Ao brincar de casinha, roda, amarelinha, etc, a criança passa por um processo de interação com seus pares dando assim um novo sentido para as coisas.

Da mesma forma que uma criança redimensiona o seu ato de brincar, eu professora também atribuo, cotidianamente novas significações a minha prática pedagógica fazendo-me assim sempre um ser em processo de construção. Construção essa que não se acaba.

Portanto, como diz Paulo Freire: *...inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele.* (Freire: 1993, p.59)

Espero que a faculdade não seja o fim de uma caminhada e sim um eterno recomeço para a constante formação de uma professora que sente enorme vontade de melhorar a cada dia para o bem do processo educacional, de si mesma e principalmente de seus alunos.

Bibliografia

- ARIÉS, P. A História Social da Criança e da Família, Rio de Janeiro, LCT, 1981.
- ARROYO, M. Ofício de Mestre: imagens e auto imagens. Petrópolis, RJ, Vozes, 2000.
- ÁVILA, Maria José. Professoras de crianças pequeninas e o cuidar. Dissertação de mestrado. FE-UNICAMP, fev, 2002, cap. 5.
- BOWLBY, J. Trilogia Apego e Perdas. Volumes I e II. São Paulo. Martins Fontes. 1990.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, Paz e Terra, 1996.
- GHANEM, Elie. Democracia: uma grande escola - alternativas de apoio à democratização da gestão e à melhoria da educação pública – guia para equipes técnicas. São Paulo: ação educativa. 1998.
- MANACORDA, M.A, História da Educação - da Antiguidade aos nossos dias. São Paulo, Cortez, 1996, 5ª edição.
- MAYUMI, Souza Lima. In: FARIA, Ana Lúcia G. e PALHARES, Marina (orgs.). Educação infantil pós – LDB: rumos e desafios. Campinas: Autores Associados, 1999.
- MORIN, E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez: Brasília: UNESCO. 2000.
- PASSOS. Mailsa C. Memória e história de professores: como participar e lembrar. In: VASCONCELOS, Geni N. (org.) Como me fiz professora, Rio de Janeiro, DP&A, 2000.
- PERÓN, Sarah C. As condições institucionais para organização do trabalho pedagógico. In: LEITE, Sérgio A. da S. (org.) Alfabetização e letramento: contribuições para as práticas pedagógicas. Campinas, SP, Komedi. Arte Escrita, 2001.
- PISTÓIA, A.L.G. (1996). In: FARIA, Ana Lúcia G. e PALHARES, Marina (orgs.). Educação infantil pós – LDB: rumos e desafios. Campinas: Autores Associados, 1999.
- Revista Bambini, Bergamo, ano X, n.2, fev, 1994. Tradução livre do original italiano: Ana Lúcia Goulart de Faria, Maria Carmen Barbosa e Patrizia Piozzi.
- SANFELICE, José Luis, Sala de aula: intervenção no real: MORAIS, R. de. (org.). Sala de aula, que espaço é esse? Papirus, 1986.
- SANTOS, Gildenir Carolino; Passos, Rosemary (Colab.). Manual de organização de referências e citações bibliográficas para documentos impressos e eletrônicos. Campinas, SP: autores associados; Ed. UNICAMP, 2000.

SEVERINO, Antonio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 21.ed.rev Ampl. São Paulo: Cortez, 2000. p.175-176. Cap.7.

VYGOSTKY, L. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Org. Michael Cole. São Paulo, Martins Fontes, 1991. (Coleção Psicologia e Pedagogia).

WALLON, Henri. Psicologia. Maria José Soraia Weber e Jaqueline Nadel Brulfert (org.). São Paulo, Ática, 1986.

WERLE, F.O.C. In: Revista Brasileira de Política e Administração da Educação: ANPAE. V.17 n°2 (Jul/dez. 2001) Porto Alegre – Anpae, 2001.